

Comunicação, cultura e interculturalidade: para uma comunicação intercultural

Natália Ramos
Universidade Aberta, Lisboa

São apresentados, de forma sumária, alguns conceitos básicos teóricos e metodológicos relativos à comunicação, à cultura e à interculturalidade, alguns pressupostos a ter em conta na educação e desenvolvimento de atitudes e aptidões para a comunicação intercultural, acentuando-se, igualmente, as implicações e a importância da comunicação intercultural nas sociedades actuais, caracterizadas por uma crescente complexidade, heterogeneidade, conflitualidade e globalização.

Introdução

"Ceux qui prétendent que l'expérience de l'autre -individuel ou collectif- est par essence incommunicable, et qu'il est à jamais impossible, coupable même de vouloir élaborer un langage dans lequel les expériences humaines les plus éloignées dans le temps et dans l'espace deviendraient au moins pour partie, mutuellement intelligibles, ceux-là ne font rien d'autre que de se réfugier dans un nouvel obscurantisme» (Lévi-Strauss, 1977, p. 17).

"Plus qu'un discours sur l'autre, il s'agirait de promouvoir un discours sur les rapports réciproques entre moi et l'autre discours qui constitueraient l'essence même du discours interculturel" (Abdallah-Preteille, 1986, p. 85).

Com a globalização, as migrações nacionais e internacionais, o multiculturalismo, os conflitos internacionais, com a construção europeia, projecto político que envolve quinze países e perto de quatrocentos milhões de habitantes que não possuem a mesma língua, os mesmos cos-

tumes, as mesmas tradições, a mesma história, somos hoje confrontados com numerosas questões e com um enorme desafio relativo à comunicação.

Os encontros e as relações interculturais fazem, actualmente, parte e integram cada vez mais o nosso contexto social, económico, político, religioso, escolar, sanitário, mediático.

O pluralismo cultural não pode ignorar a diversidade e as relações entre os diferentes indivíduos e grupos, sejam estes contactos estruturados ou não, sejam eles cooperativos, conflituosos ou pacíficos.

A problemática intercultural está relacionada com o diálogo e a comunicação, com a abertura ao outro, às culturas, às línguas, às relações internacionais, implicando uma abordagem global, multidimensional e multi-interdisciplinar. Como defende Devereux (1972, p. 10), é necessário perspectivar os problemas e as relações interculturais, através de diferentes pontos de vista e através de uma "abordagem complementarista", já que: "*un phénomène humain qui n'est expliqué que d'une seule manière n'est, pour ainsi dire, pas expliqué du tout.*" Para este autor: "*Le complémentarisme n'exclut aucune méthode, aucune théorie valables, il les coordonne*" (Devereux, 1972, p. 27).

Os objectos do domínio intercultural são objectos complexos, plurais, heterogéneos, pluridimensionais e não podem ser reduzidos a uma única abordagem disciplinar.

A noção de intercultural implica relação, processo, dinâmica, a tomada em conta das identidades (individuais e colectivas), das interações entre os indivíduos e os grupos.

A interculturalidade conduz a interrogar-se, a "colocar em questão", análises, práticas, identidades, pertenças, significações culturais e sociais, sistemas de valores próprios de cada um.

As problemáticas do domínio intercultural, os problemas originados pelo pluralismo e multiculturalidade, impõem desenvolver uma competência social, cultural, pedagógica e comunicacional, construída na experiência da alteridade e da diversidade, no equilíbrio entre o universal e o singular.

Estas problemáticas implicam o desenvolvimento, não só de competências individuais "*do homem*", que permitem interações sociais harmoniosas entre os indivíduos e as culturas, mas igualmente o desenvolvimento de competências de cidadania, de "*cidadão*", que tornam possível o funcionamento democrático das sociedades.

O desenvolvimento destas competências, deverá apoiar-se em fundamentos teóricos sólidos, em estratégias e aprendizagens cognitivas

precisas de compreensão e comunicação intercultural.

O reconhecimento e a introdução da diversidade cultural na investigação e na intervenção implicam um reposicionamento metodológico, conceptual e epistemológico, que podemos encontrar em domínios conceptuais como o das identidades, dos conflitos, das estratégias, da negociação, da comunicação.

Variáveis e perspectivas da comunicação

“Tout comme l'individu ne communique avec lui-même que par le truchement de l'autre, les individus ne communiquent entre eux que par la médiation de groupes, d'institutions, de sociétés, ou encore de valeurs, de croyances, de symboles collectifs» (Levy, 1978, p. 152).

A comunicação é um dos valores ocidentais por excelência, desde os séculos XVI-XVII, estando associada ao progresso tecnológico, ao conhecimento, à informação, à compreensão e à diminuição das barreiras entre os homens e as culturas.

A comunicação está hoje omnipresente nas nossas sociedades, constituindo um domínio científico marcado pela pluralidade e pela pluri-interdisciplinaridade.

A comunicação é constitutiva de toda a sociedade humana e animal, desenvolve-se em todos os espaços da vida social, nomeadamente na família, na escola, no hospital, na empresa, nos média e, em cada um destes contextos ela é hoje confrontada com profundas modificações relacionadas com a globalização, com as transformações sociais, culturais e políticas, com o aparecimento constante de novos suportes e instrumentos, com o desenvolvimento de novas tecnologias.

A comunicação é um conceito integrador, o qual permite redimensionar e repensar os contactos, as relações entre o indivíduo e a sociedade, entre a sociedade e a cultura.

O conceito de comunicação (do latim "*communicare*", que significa partilhar, colocar em comum), implica, não somente um emissor activo e um receptor passivo, mas exige igualmente a participação activa dos interessados no processo de comunicação, o qual se torna um fluxo pluridimensional de informações e de interacções com retroacções múltiplas, um processo bidireccional contínuo influenciando o comportamento.

Samovar *et al.* (1981) distinguem oito elementos que estão pre-

sentes em toda a comunicação: a origem, a codificação, a mensagem, o canal de transmissão, o receptor, a decodificação, a resposta do receptor e a retroacção.

Toda a comunicação é dinâmica, interactiva, irreversível e produz-se num determinado contexto físico e sociocultural. Assim, a comunicação não se limita apenas às mensagens e às interacções, mas inclui também o sistema, o contexto que as torna possíveis.

Como salienta Bourdieu (1982, p. 22): "*Tout comportement communicatif, s'inscrit dans un jeu social, nécessairement porteur d'enjeux.*" Mas, o "jogo" não é somente social, mas também psicológico, e os interesses subjacentes à comunicação são extremamente numerosos, são nomeadamente interesses relacionais, identitários, territoriais.

A escola de Palo Alto, fundada por Bateson nos anos 50, interessou-se particularmente pela problemática da comunicação, propondo uma teoria da mesma (Bateson, 1981, 1988) a qual, através de uma abordagem sistémica, se baseia em alguns princípios fundamentais:

- A comunicação é um fenómeno interactivo, no qual a unidade de base é, sobretudo, a relação que se estabelece entre os indivíduos;

- A comunicação não se reduz às mensagens verbais, mas também as expressões faciais, os gestos, as atitudes, as posturas, os comportamentos transmitem uma mensagem. Em situação de interacção, não podemos deixar de comunicar, pois todo o comportamento social tem um valor comunicativo;

- Toda a mensagem comporta dois níveis de significação, isto é, transmite, não somente um conteúdo informativo, mas exprime igualmente algo sobre a relação que une os interlocutores;

- A relação entre interlocutores é estruturada segundo dois grandes modelos, o modelo simétrico e o modelo complementar. No modelo simétrico, a relação é definida como igualitária e os protagonistas têm comportamentos simétricos. No modelo complementar, os protagonistas adoptam comportamentos opostos, ajustando-se um ao outro;

- A comunicação é determinada pelo contexto no qual ela se inscreve e este contexto envolve as relações que unem as pessoas que comunicam, o espaço no qual se situa a interacção e a situação que coloca em relação os protagonistas. O contexto constitui também um espaço simbólico portador de normas, de regras, de modelos e de rituais de interacção;

- Uma parte dos disfuncionamentos, ao nível psicopatológico, estão relacionados com problemas de comunicação;

Qualquer elemento temporal, espacial, contextual, presente na

nossa vida, no nosso quotidiano, é susceptível de ser um elemento de comunicação, variando o repertório de comportamentos e de objectos com valor comunicativo de uma sociedade para outra.

Para Hymes (1967), em todas as culturas e comunidades, o comportamento e os objectos, enquanto produtos do comportamento, são selectivamente organizados, utilizados e interpretados pelo seu valor comunicativo. Segundo este autor, todo o comportamento e todo o objecto podem ser comunicativos, sendo o inventário das possibilidades comunicativas bem maior e mais significativo do que a nossa atenção habitual à palavra no-lo revela.

A comunicação é um fenómeno social complexo, cada acto de transmissão de uma mensagem estando integrado numa matriz cultural, constituindo a comunicação social o conjunto de códigos e de regras que tornam possíveis e mantêm as relações e as interacções entre os membros de uma mesma cultura ou subcultura.

Os comportamentos, os objectos, os acontecimentos, não podem ser apreendidos nem compreendidos desinseridos de um contexto social e cultural, ou seja, desinseridos das formas de comunicação e de aprendizagem, das representações e das manifestações através das quais são valorizados esses comportamentos, objectos e acontecimentos.

Os primeiros actos e gestos motores, não verbais, as primeiras aprendizagens são interacções inscritas em formas de comunicação e de representações.

Desde as primeiras horas da vida, o ser humano tem a necessidade de partilhar, de comunicar com os outros as suas necessidades, os seus interesses, as suas experiências afectivas.

As primeiras interacções, as primeiras comunicações do ser humano, do bebé, com os adultos e as crianças, na família, na creche, representam, de alguma forma a sua entrada na cultura (Ramos, 1993a, b; cf. *Filmografia*; Bruner, 1991, 1996).

A comunicação processa-se, através de múltiplas e diversas modalidades, através de interacções e formas não verbais e verbais, as quais são objecto de abordagens específicas: distal, proxémica, cinésica, paralinguística, etc.

Por exemplo, os estudos da comunicação e da interacção entre a mãe e o bebé nas diferentes culturas, mostram-nos que os comportamentos de comunicação são, ao mesmo tempo, muito precoces, ricos, variados e subtis, que eles passam por diversos canais, nomeadamente, o olfacto, o toque, a voz, o olhar, os gestos, as expressões faciais, que eles têm uma importância fundamental no equilíbrio psíquico e no desenvol-

vimento social, cognitivo e afectivo da criança e que os "estilos" de comunicação mãe-bébé são influenciados e variam segundo as culturas (Ramos, 1990, 1993a, b).

Diferenças individuais e culturais nos comportamentos e nos modos de comunicação manifestam-se, desde muito cedo, segundo as regiões e no seio de uma mesma cultura, segundo as problemáticas e as tradições próprias a cada família e a cada cultura: todos os bebés não comunicam da mesma forma, em cada cultura o adulto que presta cuidados de *maternage* desenvolve um "estilo" próprio de comunicação com o bebé, e numa mesma cultura há diferenças no estilo de interacção materno e paterno com a criança, como foi por nós evidenciado em diferentes investigações (escritas e fílmicas) realizadas em meios autóctones e migrantes, em contextos familiar e pré-escolar (creche e jardim de infância) na Europa, como na América Latina (Brasil), (Ramos, 1987-2002).

A comparação intercultural da comunicação precoce e das técnicas de *maternage*, permite destacar "estilos culturais de *maternage*" (Stork, 1986, Ramos, 1990, 1993a, b).

É assim que no Ocidente, em particular na América do Norte e na Europa do Norte, se observa uma predominância e riqueza das interacções pela voz e pelo olhar, num estilo de *maternage* de tipo "distal". Em oposição, nas culturas extra-ocidentais, por exemplo africana e asiática, predominam as interacções tácteis, cinestésicas, estando o contacto corporal e o diálogo tónico-motor, na base da comunicação entre a mãe e o bebé, num *maternage* de tipo "proximal".

O estilo de comunicação, que caracteriza o tipo de *maternage* português, é particularmente rico em interacções rítmicas, cinestésicas, tácteis, verbais, visuais e caracteriza-se por um modo de comunicação mais "proximal" que o tipo de *maternage* francês, por exemplo. Assim, no tipo de *maternage* português, as interacções tácteis e cinestésicas, características do modelo "proximal" de interacção, conjugam-se com as interacções pela voz e pelo olhar, características de um estilo "distal" de interacção, num estilo de *maternage* que qualificámos de tipo "próximo-distal" (Ramos, 1993a) e que colocámos em evidência em diversos filmes etnopsicológicos (Ramos, 1990-2002).

As investigações que temos vindo a realizar, salientam igualmente que os estilos de comunicação dos adultos e das crianças, assim como os estilos maternos e paternos, são diferentes, (Ramos, 1990, 1993a, b, 1994, 1995, 1996, 1998, 2001, 2002). Por exemplo, com a criança de tenra idade, os pais têm interacções mais lúdicas, mais estimulantes, mais

físicas e menos "convencionais", que as interações das mães, que são mais calmas, mais visuais, mais verbais e mais "convencionais".

A comunicação mãe-pai-criança, ou a comunicação entre crianças, por exemplo irmãos, têm de situar-se num sistema interactivo generalizado, o sistema familiar e o sistema socio-cultural de pertença dos pais, não sendo possível observar, avaliar ou modificar estas interações sem ter em conta este contexto individual e cultural.

É através da comunicação verbal e não verbal, composta por palavras, entoações, olhares, toques, ritmos, gestos, posturas, técnicas do corpo, expressões faciais, é através dos cuidados e das numerosas estimulações sensoriais no decurso das interações entre o adulto e o bebé, numa determinada realidade ecológica, cultural e familiar, que se organizam os laços de vinculação, que o ser humano se estrutura psiquicamente e culturalmente e estabelece as suas primeiras relações e comunicações com o mundo, com o seu ambiente familiar e cultural (Ramos, 1990, 1993a, b).

"Les relations de l'enfant avec le milieu dans lequel il se développe, s'établissent grâce à un ensemble d'identifications, de normes, de valeurs, qui vont structurer sa personnalité. Par ce processus, l'enfant acquiert les modèles, les éléments socio-culturels de son milieu, les intègre à la structure de sa personnalité et par là s'adapte à l'environnement social et culturel dans lequel il vit" (Ramos, 1993a, pp. 31-32).

A criança é actualmente confrontada muito precocemente, com a diversidade de referências culturais no tecido social e educativo e a pluralidade inscreve-se hoje na enculturação, na socialização, na estruturação identitária, na educação.

"L'apprentissage consiste en un métissage. Étrange et original, déjà mélangé des gènes de son père et de sa mère, l'enfant n'évolue que par ces nouveaux croisements" (Serres, 1991, p. 32).

Identidade e cultura definem-se hoje no plural. A identidade é ao mesmo tempo, condição, interesse e resultante de numerosas comunicações.

A nossa cultura é cada vez mais uma cultura "mestiça", a heterogeneidade, o outro, o estrangeiro, a diferença, fazem parte do quotidiano, encontrando-nos todos no mundo actual, face a um vasto processo de "mestiçagem".

Comunicação, sociedade e cultura

"La culture a pour tâche de déconnecter des espaces et de les re-connecter" (Serres, in Lévi-Strauss, 1977, p. 40).

A cultura, sendo fonte de conflitos, de incompreensão, é, igualmente, uma das bases da compreensão, do diálogo e da comunicação entre os indivíduos e os povos. Como salienta Barthes (1984, p. 23), "*La culture, sous tous ses aspects, est une langue*", defendendo M. Serres que "*Ce que les cultures ont en commun, c'est l'opération même de raccorder, de déconnecter*" (In Lévi-Strauss, 1977, p. 31).

É através da influência da cultura que os indivíduos aprendem a comunicar. O ser humano é um ser de cultura. Uma parte essencial do que caracteriza o ser humano é conservado e transmitido pelo grupo social e cultural, podendo falar-se de uma "herança" social e cultural, não se resumindo esta "herança" apenas às informações, aos actos, aos comportamentos, mas situando-se igualmente ao nível dos símbolos e das representações.

A integração social e cultural do ser humano pode enquadrar-se numa dupla apropriação:

- A apropriação do indivíduo pelo conjunto das estruturas simbólicas de um contexto social e cultural particular (neste sentido, a cultura, o contexto social, impregna, inscreve o indivíduo nas suas estruturas);

- A apropriação pelo indivíduo das estruturas simbólicas, do código cultural do contexto sociocultural no qual se desenvolve (neste sentido, podemos dizer que o indivíduo se constrói pela aprendizagem que realiza do código cultural).

"*La culture est devenu le facteur essentiel qui donne forme à l'esprit de celui qui vit en son sein*" (Bruner, 1991, p. 27). Para este autor, se a cultura é um conjunto de sistemas simbólicos, elaborados colectivamente e transmitidos de geração em geração, ela caracteriza-se igualmente como um conjunto de recursos interpretativos, como "*Une boîte à outils composée de techniques et de procédures permettant de comprendre et de gérer notre monde*" (Bruner, 1996, p. 124).

Consideramos de interesse salientar, que a influência da cultura sobre o Homem e a importância da aprendizagem cultural na organização dos comportamentos e dos conhecimentos foram colocadas em evidência no decurso do século XIX na Grã-Bretanha por Tylor (1871) e Darwin (1871, 1872). E. Tylor foi o primeiro a utilizar e a definir o termo "cultura" como "*Ce tout complexe qui comprend le savoir, les croyances, l'art, la morale, la loi, les coutumes, et toutes les autres capacités ou habi-*

tudes acquises par l'individu en tant que membre d'un groupe social". Esta definição, pode ser completada pela de Linton (1945), para quem *"La culture est un ensemble de comportements appris. Elle est le résultat d'un comportement dont les éléments constitutants sont partagés et transmis par les membres d'un groupe particulier"*. (in Ramos, 1993a, p. 29).

Para Hall (1971), a cultura é um conjunto dos elementos aprendidos em sociedade pelos membros de uma determinada sociedade, e, estes elementos são acções, percepções e pensamentos (raciocínios, crenças, sentimentos, sensações).

"En s'attachant à désigner simultanément ce qui fait l'originalité et l'universalité de chaque société humaine, la culture permet d'appréhender tout à la fois des composantes particulières et générales de l'espace de vie de l'homme et deux niveaux: un niveau symbolique ou "subjectif" (les représentations collectives, les significations liées aux comportements ou aux objets, etc.) et un niveau matériel (notamment les comportements et les produits de l'activité humaine)" (Ramos, 1993a, p.30).

A cultura, constitui pois, tudo o que se aprende de uma forma consciente e inconsciente e que se pode transmitir e comunicar.

Podemos afirmar que o estudo das variações culturais dos comportamentos e das práticas educativas, começou com a Escola Antropológica Americana designada por *"Cultura e personalidade"*, da qual Mead (1930) e Benedict (1934) foram pioneiras.

Ao longo dos seus trabalhos, Mead, tentou mostrar a influência precoce da cultura sobre o indivíduo. Ela tentou mostrar, nomeadamente, que, se as potencialidades humanas são universais, aquelas que são expressas e a maneira como são expressas, comunicadas, dependem da cultura.

Já em 1930, Mead, dedica uma obra ao estudo da primeira infância e da educação na Nova Guiné, definindo as experiências formadoras e as modalidades de transmissão cultural, através de um processo de aprendizagem que ela designou por *"enculturação"*. *"Il s'agit d'un processus d'intériorisation par l'individu des traditions, systèmes de références et valeurs de son groupe, processus qui procède essentiellement par voie inconsciente. Il se distingue de la socialisation qui relève des influences exercées consciemment sur le sujet par le milieu environnant avec lequel il est en interaction"* (Ramos, 1993a, p. 31).

Em 1951, Mead, a partir de uma micro-análise da interacção entre os bebés e os adultos em Bali, investigação realizada em colaboração com MacGregor, colocou em evidência um modo específico de transmissão de atitudes e gestos corporais, o qual se efectua, directamente, através

das sensibilidades cinestésicas e cenestésicas e deixa a sua marca étnica até à idade adulta, processo que designou por "*aprendizagem cinestésica*" (Mead e MacGregor, 1951). Trata-se de uma incorporação precoce pela criança dos estilos posturais e gestuais induzidos pelo adulto, assemelhando-se e podendo ser integrada no mecanismo de enculturação.

Em 1942, numa obra composta essencialmente de sequências fotográficas de comportamentos e actividades e através da comparação sequencial de fotografias, Mead e Bateson conseguem destacar um "*estilo*", um "*habitus*" próprio de uma cultura e do conjunto dos comportamentos dos indivíduos que pertencem a esta cultura e evidenciam o "*ethos*" presente nas diferentes sequências de actividade, (Bateson, Mead, 1942).

Mead e Bateson foram os primeiros a utilizar, de uma forma sistematizada e metódica e, em meio natural, os meios audiovisuais (fotografia e filme), a fim de poderem observar, compreender a dinâmica cultural e os diferentes processos educativos, de aprendizagem, de comunicação, desenvolvidos pelos diferentes grupos sociais que estudaram. Este casal, introduziu nos Estados Unidos, nos anos 30, o "*método visual*", com a utilização do cinema e da fotografia, com objectivos de investigação e formação. Eles foram os pioneiros na utilização desta metodologia nos estudos culturais e da infância, tendo realizado, nomeadamente nos anos 30, vários filmes e reunido 25000 fotografias (Bateson, Mead, 1938, 1939, 1942, 1954, 1959). Seguiram-se outros investigadores, que têm mostrado a importância do filme no estudo das técnicas do corpo, das aprendizagens, das interacções e destacado o filme como instrumento de comunicação e de formação, tais como Rouch (1948, 1975), France (1982), Comolli (1983, 1995), Stork (1986), N. Ramos (1993a), entre outros.

O filme, como defendia Mead (1979) e como nós igualmente temos tentado mostrar, através de trabalhos fílmicos, permite a observação, a comparação e salvaguardar os comportamentos para as gerações futuras.

"O filme constitui um método científico para estudar, observar, analisar, de forma ordenada, rigorosa, repetida, diferida, minuciosa, o Homem, os seus comportamentos, as suas actividades, as suas formas de comunicar e as relações que estabelece com o seu meio" (Ramos, 1998). O filme permite apreender os diferentes tipos, modalidades e detalhes da comunicação, apreender a "*situação total*" de um universo cultural, permitindo igualmente uma descentração, indispensável em toda a relação humana e na comunicação intercultural. O filme constitui um meio de comunicação com o outro, um instrumento de comunicação intercultural.

A partir destes trabalhos pioneiros, desenvolveu-se o interesse pe-

los estudos relativos à influência da cultura nas representações, nos comportamentos, na educação, na socialização, na comunicação, implementaram-se as investigações relativas às transformações culturais e relações interculturais, tendo vindo a criar-se um vasto e diverso campo de investigação, teórico e metodológico, no domínio inter/transcultural (Ramos, 1993a).

Os estudos culturais/interculturais efectuados pelos investigadores, desde os culturalistas americanos (Boas, Mead, Benedict, Kardiner, Linton), até às investigações recentes, têm sofrido evoluções, verificando-se um acentuar dos processos e dinâmicas de mudança cultural, a multiplicidade de códigos e de mensagens, de subsistemas e subculturas.

A cultura implica evolução e mudança, resultantes, quer das inovações e das transformações internas de um grupo humano, quer dos processos externos provenientes do contacto de grupos culturais diferentes, ou seja, da aculturação.

O processo de aculturação acompanha-se de mudanças culturais diversas, temporais e espaciais, e provoca a perda, a aquisição, a transformação, a substituição e a reinterpretação de traços culturais dos grupos em presença (Ramos, 1993a).

A cultura é acção, interacção, comunicação. O indivíduo não é somente o produto da sua cultura, mas também a constrói, a reconstrói, a recria, em função das problemáticas e das estratégias diversificadas e num contexto marcado pela diversidade e pela pluralidade.

Deste modo, os comportamentos, as socializações, as aprendizagens, a comunicação, não podem ser apreendidos senão a partir de um modelo cultural dinâmico, interaccionista e plural.

Como salienta Abdallah-Pretceille e Porcher (1996, p. 61): *La culture comme la langue est un lieu de mise en scène de soi et des autres. Ancrée dans l'histoire, dans la relation, la culture joue et se joue des enfermements et des nominalisations, elle échappe aux définitions de clôture. Hypostasier une tradition, un item culturel, une culture, revient à une forme de dogmatisme culturel, voire d'"intégrisme culturel".*

As numerosas definições da cultura acentuam a multiplicidade dos níveis de inscrição da cultura e do social, vindo evidenciar a complexidade da experiência individual na cultura e a importância da estruturação destes parâmetros para o ser humano e para a comunicação.

Entre culturas plurais e cultura universal, entre particularidades e universais, encontra-se o Homem, na sua diversidade e unidade. E, como salienta Devereux (1980, p. 200): *"Après tout, tant les peuples, que les cultures se ressemblent davantage qu'ils ne diffèrent entre eux, pour la*

bonne raison que tous les êtres humains sont d'abord des êtres humains et ensuite seulement Eskimos ou Bantous et que toutes les cultures sont d'authentiques échantillons de la culture définie comme un produit humain caractéristique de l'espèce".

Comunicação e compreensão intercultural

"Chacun croit voir le monde tel qu'il est, parce que chacun croit que le monde est tel qu'il le voit» (Porcher, 1986, p.122).

Uma pedagogia da relação intercultural baseada na compreensão e na tolerância, no reconhecimento do outro e da diversidade, deverá ajudar cada um a determinar as suas próprias representações, os modelos do seu sistema de valores, assim como a identificar as representações e os sistemas de valores e de normas dos outros indivíduos e grupos, constituindo um meio de "aprendizagem" do outro, de compreensão intercultural, de luta contra o etnocentrismo e a xenofobia.

Como salienta Moscovici (In Herzlich, 1968, p. 10): "*Les représentations sociales ne sont pas uniquement des opinions sur des images ou des attitudes envers, mais des théories, des sciences sui generis destinées à la découverte du réel et à son ordination. Une représentation est autant une représentation de quelqu'un qu'une représentation de quelque chose. Se représenter, ce n'est pas sélectionner, compléter un être objectivement donné par son rôle subjectif, c'est aller au-delà, édifier une doctrine qui facilite la tâche de déceler, de programmer ou d'anticiper actes et conjonctures.*"

A comunicação intercultural envolve os problemas e processos de interacção verbais e não verbais entre indivíduos pertencentes a grupos ou subgrupos culturais diferentes em contextos situacionais variados e a variação cultural na percepção dos objectos e dos acontecimentos sociais.

Não é somente entre pessoas que habitam em países ou continentes diferentes que podem existir problemas de comunicação intercultural, mas podem igualmente haver diferenças culturais e problemas de comunicação com indivíduos e grupos que habitam o mesmo país e partilham a mesma língua ou a mesma religião, já que os problemas de comunicação intercultural derivam, em grande parte, de diferenças na percepção dos objectos e dos acontecimentos sociais dos membros desses grupos.

A percepção é um processo, pelo qual um indivíduo selecciona,

avalia e organiza os estímulos vindos do mundo exterior.

A cultura tende a produzir percepções diferentes do mundo exterior. Os nossos sistemas de valores, as nossas crenças, atitudes, a nossa visão do mundo e dos outros, a nossa organização social, exercem influência sobre as nossas percepções.

Para Sarnovar *et al.* (1981) um princípio fundamental da comunicação intercultural é a consciencialização de que o mundo, que percebemos e em relação ao qual comunicamos, poderá não ser o mesmo mundo, vivenciado por uma pessoa de outra cultura e que ela procura exprimir.

A comunicação é uma relação que se estabelece entre pessoas, a partir de significações comuns que as mesmas atribuem à comunicação verbal (palavras, entoações), assim como à comunicação não verbal (expressões faciais, gestos, olhares, posturas, posições no espaço, objetos, vestuário, etc.). Estas significações são aprendidas e variam em função de factores como a idade, o sexo, a classe social, a categoria profissional, o local de residência, mas variam também segundo as culturas.

Pessoas de culturas ou subculturas diferentes podem atribuir significações diferentes às mesmas realidades, podem desenvolver percepções sociais diferentes, o que poderá originar incompreensão mútua, desentendimentos.

Assim, entre as pessoas que partilham o mesmo universo de significações, o processo de comunicação efectua-se, em geral, num clima de relativa compreensão, mas, quando este universo de significações não é partilhado, a comunicação estabelece-se com mais dificuldade e colocam-se vários problemas.

Em situação de comunicação intercultural, os indivíduos vindos de outras culturas ou subculturas, são obrigados a efectuar escolhas múltiplas e por vezes difíceis, tendo de aprender a integrar regras culturais complexas e a serem capazes de descentrar-se em relação à sua cultura: "*Des tensions peuvent apparaître entre le désir d'intégrer des éléments de la culture du pays d'accueil et le désir de maintenir les traditions, enracinées depuis longtemps*" (Ramos, 1993a, pp. 561-562).

Como salienta, igualmente, Cohen-Émérique (1992, p. 79): "*Tout homme ancré dans sa culture, lorsqu'il est interpellé par la différence de l'autre, se retourne spontanément vers son monde qui représente pour lui la vérité, les valeurs universelles, les comportements attendus (...)* Autrement dit, il se raccroche à son cadre de références culturelles."

Uma das maiores dificuldades, no domínio da comunicação e das relações interculturais, é a dificuldade do cidadão, do investigador, do

profissional do terreno, em descentrar-se, em sair do etnocentrismo, o qual é, como destaca Lévi-Strauss (1961, p. 19): *"Une attitude qui repose sans doute, sur des fondements psychologiques solides, puisqu'elle tend à réapparaître chez chacun de nous quand nous sommes placés dans une situation inattendue (...) Elle consiste à répudier pure et simplement les formes culturelles: morales, religieuses, sociales, esthétiques qui sont les plus éloignées de celles auxquelles nous nous identifions."*

A dificuldade do homem em descentrar-se é também explicada por Piaget (1970, p. 279): *"Les deux tendances les plus naturelles de la pensée spontanée et même de la réflexion dans les stades initiaux sont de se croire au centre du monde et d'ériger en normes universelles les règles ou même les habitudes de sa conduite."*

Com efeito, o etnocentrismo, ou seja, a tendência a interpretar a realidade a partir dos nossos próprios critérios e modelos culturais, pode constituir um obstáculo importante à comunicação intercultural.

"L'ethnocentrisme, est à la fois un trait culturel universellement répandu et un phénomène psychologique de nature projective et discriminatoire qui fait que toute perception se fait à travers une "grille de lecture", élaborée inconsciemment à partir de ce qui nous est familier et de nos valeurs propres; cette grille opère une sorte de sélection et traduit ce qui est différent dans notre langage habituel en réinterprétant l'altérité dans le registre du "même" ou en le rejetant" (Lipiansky, 1989, p. 35).

E, como salienta Clanet (1985, p. 39): *"Cet autre nous menace non pas de l'extérieur, de manière directe, mais de l'intérieur, en mettant en question nos idéaux, nos valeurs (...) Et partant notre identité."*

Assim, os significados que aprendemos a dar às palavras, aos gestos, às atitudes, aos comportamentos, às percepções, segundo a idade, o sexo, o papel e a classe social, a profissão, a cultura e a subcultura variam entre os indivíduos implicados numa mesma comunicação e agem sobre a comunicação, através das percepções, dos juízos etnocêntricos, dos preconceitos e estereótipos.

Os estereótipos e os preconceitos inscrevem-se numa tendência espontânea do espírito humano para a esquematização, a simplificação a qual constitui uma tentativa para controlar o meio ambiente. Os mesmos constituem imagens esquemáticas, avaliativas, rudimentares, simplificadoras, rígidas, servindo para caracterizar um objecto, um indivíduo ou um grupo.

Os estereótipos e os preconceitos podem constituir obstáculos à comunicação intercultural, quando escondem a realidade, as características dos indivíduos ou dos grupos de outras culturas ou subculturas

através de generalizações abusivas, porque impedem as mensagens de serem bem recebidas ou emitidas e podem influenciar as percepções.

O nosso olhar sobre o outro, sobre uma cultura, não é nunca um olhar neutro e objectivo, sendo a realidade sempre apreendida e interpretada por uma certa subjectividade.

"Notre réception de l'information est nécessairement sélective. Aucun d'entre nous ne peut absorber plus d'une fraction de l'information qui s'offre à lui. Cependant, la sélectivité psychologique est systématiquement orientée par un processus de "filtrage" spontané qui se déroule en nous. Notre réceptivité à l'information est restreinte à ce qui cadre avec nos intérêts, à ce qui entre dans les limites de ce que nous jugeons acceptable" (Shérif, 1971, p. 30).

Para o autor (1971, p. 100), somente *"La coopération intergroupes (...) finira par diminuer la distance sociale entre les groupes, par modifier les attitudes et les stéréotypes, réduisant par là les possibilités de conflits futurs entre les groupes."*

Para Samovar *et al.* (1981), existem dois tipos de dimensões culturais que afectam a comunicação: os modelos culturais que influenciam a nossa maneira de pensar, de perceber, de codificar, etc.; os modelos culturais que influenciam a maneira de comunicar com as pessoas pertencentes a outras culturas.

O conhecimento das variações culturais dos elementos que constituem a comunicação verbal e não verbal poderá ajudar a ultrapassar algumas das dificuldades que se colocam à comunicação intercultural.

A comunicação não verbal constitui um elemento fundamental incluído nas variáveis culturais que influenciam a comunicação, funcionando o comportamento não verbal como uma *"linguagem silenciosa"*, na concepção do tempo e na organização do espaço (Hall, 1984).

Um aspecto da cultura que desempenha um papel importante na comunicação é a língua. Como destaca Samovar *et al.* (1981), a língua constitui não só o primeiro meio, através do qual uma cultura transmite as suas crenças, os seus valores e as suas normas, como dá também aos indivíduos um meio para entrar em interacção com os outros membros da sua cultura e um meio para pensar.

A comunicação intercultural pode ser facilitada se aprendermos a reconhecer a existência de uma pluralidade de modos de pensamento, subjacente à utilização da língua nas diferentes culturas, assim como se tivermos em conta que, no interior de uma mesma cultura, as mesmas palavras poderão não ter o mesmo significado, segundo a subcultura ou o subgrupo ao qual pertence aquele que as utiliza.

Comunicação e educação intercultural

"Tout apprentissage exige ce voyage avec l'autre, vers l'altérité"
(Serres, 1991, p. 32).

A comunicação e educação intercultural visam desenvolver em todos os indivíduos, pertencentes a grupos minoritários ou não, atitudes e comportamentos mais bem adaptados ao contexto da diversidade individual e grupal, desenvolver um outro olhar sobre nós mesmos e o outro, desenvolver aptidões que conduzam a um processo de consciencialização cultural e a uma melhor capacidade de comunicação e de participação na interacção social, assim como, desenvolver uma melhor compreensão dos mecanismos psico-sociais e factores sociopolíticos susceptíveis de originarem a rejeição, a intolerância, a violência, o racismo, o "fundamentalismo".

Para Hopes (1979), para desenvolver a competência na comunicação e nas relações interculturais, é necessário a tomada de consciência do grau de determinismo cultural dos nossos comportamentos, é importante desenvolver a "*consciencialização cultural*". Esta constitui um processo de aprendizagem cultural, visando a capacidade de analisar o mundo do ponto de vista de uma outra cultura, visando desenvolver as competências para reconhecer as diferenças e a pluralidade.

Como acentua Linton (1945, p. 111): "*L'homme, tout au long de son histoire n'a eu qu'une conscience vague de l'existence de la culture et cette conscience il ne l'a eu qu'aux contrastes entre les coutumes de sa propre société et celles des autres sociétés que le hasard lui a fait rencontrer. Être capable de voir sa propre culture dans son ensemble, d'en évaluer les modèles et d'en apprécier les implications exige un niveau d'objectivité rarement atteint s'il l'a jamais été.*"

Hopes (1979) identifica cinco domínios, onde uma consciência insuficiente das diferenças culturais pode introduzir bloqueamentos e problemas na comunicação:

- Os esquemas conceptuais.

Cada indivíduo interpreta o mundo diferentemente e os membros de um grupo cultural desenvolvem esquemas de percepção que diferem dos de outros grupos culturais, diferenças que podem originar dificuldades na comunicação. Tendo em conta que a interiorização dos esquemas conceptuais é um processo que se elabora, de uma forma inconsciente, é somente quando somos confrontados com esquemas de percepção diferentes, na interacção com pessoas de outras culturas ou em situações de aprendizagem intercultural, que é possível objectivar, consciencializar este processo. É através da confrontação com outras formas de pensa-

mento, com outros sistemas de valores, que eu posso melhor identificar e relativizar os meus;

- Os princípios e valores culturais.

Subjacentes aos comportamentos dos membros de um grupo cultural estão os princípios e valores que são partilhados pelos membros de um grupo. Neste sentido, temos tendência a introduzir na comunicação os significados e interpretações que correspondem aos nossos próprios esquemas de valores;

- Os modelos cognitivos.

Estes modelos diferem segundo os grupos culturais e influenciam a comunicação;

- Os comportamentos rotineiros.

A cultura conduz a rotinas, a hábitos comportamentais diferentes e influencia a maneira de nos comportarmos no espaço e no tempo, em relação às crianças, aos adultos, aos pais, em relação ao passado, ao presente e ao futuro;

- Os estilos de comunicação.

Cada cultura desenvolve o seu próprio estilo de comunicação. Nalgumas culturas predominam as interações verbais, enquanto que outras privilegiam o contacto e as interações corporais. Também as línguas reflectem e/ou se adaptam ao estilo de comunicação e ao contexto. Por exemplo, a linguagem mãe-bébé, a passagem de uma língua para outra, a qual pode sofrer a influência do estilo de comunicação da primeira língua, podendo ter todos estes elementos influência na comunicação;

A comunicação intercultural é, em primeiro lugar, uma aptidão pessoal que todo o indivíduo deverá desenvolver na sua própria cultura.

Para desenvolver as aptidões de comunicação intercultural e facilitar a compreensão recíproca entre indivíduos, grupos e culturas, é necessário:

- Desenvolver a compreensão da cultura, a compreensão dos processos e do funcionamento da cultura considerada, em si mesma, indiferentemente desta ou daquela cultura particular;

- Aprender a conhecer-se a si mesmo e à sua própria cultura. É importante aprender a identificar os seus sentimentos e atitudes. É necessário ter consciência dos seus preconceitos e atitudes etnocêntricas e egocêntricas, do seu próprio estilo de comunicação, assim como ter consciência de que não comunicamos somente através de actos conscientes e deliberados, mas também inconscientes e por toda a nossa forma de interagir com o meio envolvente;

- Aprender a descobrir os quadros de referência dos outros, aprender a conhecer os códigos culturais respectivos, o que permitirá estabelecer relações mais abertas e mais flexíveis, podendo conduzir a contactos interculturais e a comunicações mais diversificadas, enriquecedoras e satisfatórias;

- Evitar julgamentos rápidos e superficiais, evitar os estereótipos e as atitudes egocêntricas e etnocêntricas, o que permitirá escutar e colocar-se no lugar do outro, de forma a tentar compreender as coisas do seu ponto de vista, o que permitirá descentrar-se. A atitude e a prática da descentração dá-nos a capacidade de visualizarmos uma situação através de várias perspectivas, ajuda cada um de nós a adoptar uma certa distância em relação a si mesmo e conduz à auto-reflexão;

- Desenvolver a empatia, as capacidades empáticas, o que implica a capacidade de se colocar no lugar do outro e o reconhecimento do Homem pelo Homem;

- Dispor de tempo para comunicar, para compreender uma situação, estar atento às mensagens silenciosas da comunicação não verbal, assim como aprender a respeitar os ritmos e os estilos de comunicação próprios a cada pessoa e a cada cultura;

- Desenvolver estratégias e intervenções educativas interculturais, incluindo uma formação centrada sobre a informação, nomeadamente sobre a História e a cultura dos diferentes grupos ou comunidades presentes no mesmo espaço social. O projecto "*Educar para a diversidade*" (Ramos, 1997, 1998) constitui um exemplo deste tipo de formação, ao tentar promover o conhecimento e a compreensão de elementos histórico/culturais, de formas de pensar, de agir e de viver de diferentes comunidades presentes no espaço português, por exemplo populações originárias de Cabo Verde, Goa, Timor-Leste;

- Desenvolver estratégias e intervenções educativo/pedagógicas desde a infância, que conduzam à descentração, ao respeito e reconhecimento do outro, das identidades, das diversidades, numa sociedade cada vez mais plural, heterógena e globalizada.

- Implementar uma formação adequada dos professores, uma revisão dos programas e dos materiais didácticos, assim como, utilizar adequadamente os meios de comunicação social, nomeadamente os media audiovisuais.

Considerações finais

A noção de intercultural aplica-se a diferentes domínios e implica processos, dinâmicas, estratégias, implica a abordagem intercultural dos fenómenos, dos problemas, assim como a dimensão cultural das representações, dos comportamentos, das aprendizagens, da comunicação.

O intercultural implica uma ética da relação humana. A relação intercultural deriva de uma ética pessoal e de uma ética da alteridade.

O intercultural articula-se entre o nacional e o transnacional, entre o particular e o universal, entre o mesmo e o outro, espaço ao dispor de todos e onde cada um se constrói a si mesmo em relação ao outro.

O movimento de descentração que implica o processo intercultural conduz a melhor delimitar a sua própria identidade, já que o olhar do outro ajuda a revelar-me a mim mesmo.

Comunicar com o outro implica a tomada em conta da sua identidade na interacção e as suas reacções à alteridade.

A educação e a pedagogia intercultural têm um papel muito importante no desenvolvimento de aptidões para a comunicação intercultural em todos os indivíduos, adultos ou crianças e, em todos os grupos, minoritários ou majoritários.

A formação em comunicação, nomeadamente em situação intercultural, é indispensável ao conjunto da população, cidadãos ou intervenientes educativos, sociais, sanitários, políticos, dos média.

Não é suficiente "defender" a compreensão e a comunicação intercultural, para que estas se concretizem. Não são suficientes sentimentos de justiça e igualdade, para que estas se tornem realidade. Não bastam discursos "moralizadores" ou "políticos", denunciando as atitudes de discriminação e de racismo, para que elas desapareçam. É indispensável desenvolver estratégias e intervenções psico-sócio-educativas, fornecer elementos teórico/conceptuais sólidos, para que profissionais e cidadãos possam situar-se e fazer face, de uma forma responsável e reflectida, às diversidades individuais e culturais que encontram no seio da sociedade, assim como aos problemas complexos que coloca a comunicação com indivíduos com referências culturais diferentes, desenvolvendo em todos, uma maior compreensão da sua própria cultura e das outras culturas, assim como uma maior capacidade de comunicação com os membros da sua cultura ou pertencentes a outros grupos e culturas.

O funcionamento democrático das sociedades, muito em particular o funcionamento de uma sociedade multicultural, implica a tomada em conta das diversidades culturais, religiosas, linguísticas e o equilíbrio entre as culturas particulares e uma cultura comum.

A educação e a comunicação intercultural não poderão resolver todos os conflitos entre as culturas e todos os problemas comunicacionais, sociais, sanitários, educativos, políticos, que se colocam em situação intercultural. Contudo, poderão atenuar ou fazer desaparecer os preconceitos, a intolerância, o racismo, a exclusão, poderão alimentar a comunicação de alguns valores universais e contribuir para a coesão social e para a paz, podendo ainda, ajudar a tomar consciência do nosso olhar egocêntrico e etnocêntrico sobre o outro, sobre uma cultura. Enfim, poderão contribuir para a tomada de consciência ao mesmo tempo, da relatividade das crenças e da universalidade de certos valores e aspirações que unem os homens vivendo nos múltiplos e dispersos lugares do nosso planeta.

“(...) *On reconnaît aujourd'hui que l'universalité et le relativisme culturel, tout en étant complémentaires, traduisent simultanément l'unité et la diversité de l'espèce humaine* » (Ramos, 1993a, p. 667).

Bibliografia

- Abdallah-Preteille, M. (1986). *Vers une pédagogie interculturelle*. Paris: Pub. de la Sorbonne.
- Abdallah-Preteille, M. & Porcher, L. (1986). *Éducation et communication interculturelle*. Paris: P.U.F.
- Bateson, G. & Mead, M. (1942). *Balinese character, a photographic analysis*. New York: The New York Academy of Sciences.
- Bateson, G. et al. (1981). *La nouvelle communication*. Paris: Seuil.
- Bateson, G. & Ruesh, J. (1988). *Communication et Société*. Paris: Seuil.
- Benedict, R. (1934). *Patterns of culture*. Boston: Houghton Mifflin.
- Bourdieu, P. (1982). *Ce que parler veut dire*. Paris: Fayard.
- Bruner, J. (1991). *Car la culture donne forme à l'esprit*. Paris: Eshel.
- Bruner, J. (1996). *L'éducation, entrée dans la culture*. Paris: Retz.
- Clanet, C. (1985). *L'interculturel en éducation et en sciences humaines*. Toulouse: Presses Universitaires du Mirail, T.I.
- Cohen-Émérique, M. (1992). La tolérance face à la différence, cela s'apprend. *Interculturelles*, 16.
- Comolli, C. (1995). *Cinématographies des apprentissages. Fondements et stratégies*. Paris: Publidix.
- France, C. (1982). *Cinéma et anthropologie*. Paris: Maison des Sciences de l'Homme.
- Devereux, G. (1972). *Ethnopsychanalyse complémentariste*. Paris:

Flammarion.

- Devereux, G. (1980). *De l'angoisse à la méthode dans les sciences du comportement*. Paris: Flammarion.
- Ghiglione, R. (1986). *L'homme communicant*. Paris: A. Colin.
- Hall, E. (1971). *La dimension cachée*. Paris: Seuil.
- Hall, E. (1984). *Le langage silencieux*. Paris: Seuil.
- Herzlich, C. (1968). *Santé et maladie, analyse d'une représentation sociale*. La Haye: Mouton et Cie.
- Hoopes, D. (1979). Intercultural communication, Concepts and the psychology of intercultural experience. In M. D. Push (Ed.). *Multicultural education: a cross cultural training approach*. Chicago: Network Inc.
- Hymes, D. (1967). *The anthropology of communication*. Holt, Rinehart and Winston.
- Kardiner, A. (1968) *L'individu dans sa société*. Paris : Gallimard.
- Levi-Strauss, C. (1961). *Race et histoire*. Paris: Denoël-Gonthier.
- Levi-Strauss, C. (1977). *L'identité*. Paris: Grasset.
- Lévy, A. (1978). *Psychologie sociale*. I, Paris: Bordas.
- Linton, R. (1945). *Le fondement culturel de la personnalité*. Paris: Bordas.
- Lipiansky, E. M. (1989) Communication, codes culturels et attitudes face à l'altérité, *Interculturelles*, 7.
- Lipiansky, E. M. (1992). *Identité et communication*. Paris: P.U.F.
- Mead, M. (1930). *Une éducation en Nouvelle-Guinée*. Paris: Payot (1973)
- Mead, M. & MacGregor, F. (1951). *Growth and culture. A photographic study of balinese childhood*. New York: G. P. Putman's Sons.
- Mead, M. (1979). L'anthropologie visuelle dans une discipline verbale. In C.de France (Dir.). *Pour une Anthropologie visuelle*. La Haye: Mouton, pp.13-20.
- Piaget, J. (1970). *Épistémologie des Sciences de l'Homme*. Paris: Gallimard.
- Porcher, L. (1986) (Dir.). *La civilisation*. Paris : Clé International.
- Ramos, N. (1990). Educação precoce e práticas de cuidados em meio urbano. In Actas do Colóquio viver (n)a cidade. Lisboa: LNEC, pp.315-323.
- Ramos, N. (1993a). *Maternage en milieu portugais autochtone et immigré. De la tradition à la modernité. Une étude ethnopsychologique*. Thèse de Doctorat en Psychologie. Paris V :Université René Descartes, Sorbonne, 2 vol.
- Ramos, N. (1993b). Le monde enchanté de l'endormissement et de l'a-

- MacNeill, I. & MEAD, M. (1959). *Four families*. 16mm, nb, 54mn.
- Ramos, N. (1993). *Bercements et berceuses en milieu portugais*. U-Matic, c., 30mn.
- Ramos, N. (1994). *Apaiser et endormir le bébé à la crèche*. Betacam SP, c., 25mn.
- Ramos, N. (1994). *Gestes de mères, gestes de pères*. Betacam SP, c., 35mn.
- Ramos, N. (1995). *Grands-parents et petits-enfants. Le renouveau du Printemps*. Betacam SP, c., 45mn.
- Ramos, N. (1995). *Maternage Portugais*. Betacam SP, c., 35mn.
- Ramos, N. (1996). *ISABELLE*. Betacam SP, c., 23mn, versão Portuguesa et Française.
- Ramos, N. (1996). *Autour des gestes de maternage*. Betacam SP, c., 25mn.
- Ramos, N. (1996). *Une famille portugaise à Paris*. Betacam SP, c., 20mn.
- Ramos, N. (1997). *Le jour se lève. De la découverte aux apprentissages*. Betacam SP, c., 24mn.
- Ramos, N. (1998). *Aprender no plural. A escola de todas as cores. (Apprendre au pluriel. L'école de toutes les couleurs)*. Betacam SP, c., 25mn, Versão Portuguesa e Française.
- Ramos, N. (1999). *As mãos que embalam. Ciganos em Florença*. Betacam SP, c., 14mn.
- Ramos, N. (1999). *Bercements tziganes*. Betacam SP, c., 12mn.
- Ramos, N. (2000). *ISHTAR et SOTIS. Premiers liens, premières découvertes*. Betacam SP, c., 13mn.
- Ramos, N. (2000). *Primeiras experiências, primeiras aprendizagens na creche*. Betacam SP, c., 18mn.
- Ramos, N. & Serafim, J. (2001). *O jardim de infância. Arco-íris de aprendizagens e culturas*. Betacam SP, c., 36mn.
- Ramos, N. & Serafim, J. (2001). *O despertar da criança através da música na creche. Abordagem intercultural*. Betacam SP, c., 33mn.
- Ramos, N. & Serafim, J. (2001). *Gestos de maternage no Brasil*. Betacam SP, c., 25mn.
- Ramos, N. (2001). *ACALANTOS. Gestos e ritmos de embalar em Portugal e no Brasil*. Betacam SP, c., 34mn.
- Ramos, N. (2002). *Pais e Filhos. As teias que o amor tece*. Betacam SP, c., 33mn.
- Ramos, N. (2002). *Frères et soeurs*. Betacam SP, c., 50mn.
- Rouch, J. (1948). *Initiation à la danse des possédés*. 16mm, c., 25mn.

- Stork, H. (1982). *Seliamedu. Petits soins aux bébés dans un village Tamoul*. 16mm, c., 30mn.
- Stork, H., Ramos, N. et al. (1994). *Bercements et berceuses dans différentes cultures*. Betacam SP, c., 24mn.
- Stork, H., Ramos, N. et al. (1999). *Le rituel du bain à travers les cultures - (Afrique, Asie, Europe)*. Betacam SP, c., 54mn.

Résumé

Sont présentés d'une manière succincte, quelques concepts théoriques et méthodologiques relatifs à la communication, à la culture et à l'interculturalité, ainsi que quelques principes importants dans l'éducation et le développement d'attitudes et habilités à la communication interculturelle. Sont mises en relief, également, les implications et l'importance de la communication interculturelle dans les sociétés actuelles, caractérisées par la complexité, l'hétérogénéité, la conflictualité et la globalisation croissantes.

Summary

A few theoretical and methodological concepts related to communication, culture and multiculturalism, and a few important principles concerning the education and development of attitudes and abilities for intercultural communication are presented in a summary way. The implications and relevance of intercultural communication for nowadays societies, characterized by growing complexity, heterogeneousness, conflictuality and the globalisation are also stressed.